

DANILO CLEMENTONI

O REGRESSO



*AS AVENTURAS DE
AZAKIS E PETRI*



Danilo Clementoni

O Regresso

«Tektime S.r.l.s.»

Clementoni D.

O Regresso / D. Clementoni — «Tektime S.r.l.s.»,

ISBN 978-8-87-304639-4

ISBN 978-8-87-304639-4

© Clementoni D.
© Tektime S.r.l.s.

Содержание

Índice	6
Introdução	7
Astronave Theos - Um Milhão De Quilómetros De Júpiter	8
Planeta Terra - Tell El-Mukayyar - Iraque	10
Astronave Theos - Órbita De Júpiter	12
Nassária - O Hotel	14
Astronave Theos - Alarme De Proximidade	16
Nassária - Restaurante Masgouf	18
Astronave Theos - O Objeto Misterioso	21
Nassária - O Jantar	24
Astronave Theos - Análise De Dados	29
Nassária - Depois Do Jantar	31
Конец ознакомительного фрагмента.	35

Danilo Clementoni

O Regresso

As aventuras de Azakis e Petri

Traduzido por Marta de Camargo Fernandes

Este livro é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e organizações mencionados são fruto da imaginação do autor e são destinadas a dar autenticidade à narrativa. Qualquer analogia com eventos ou pessoas reais, vivas ou mortas é completamente casual.

O regresso

Direitos autorais © 2013 Danilo Clementoni

1ª edição: novembro 2013

Publicado e impresso em português

facebook: www.facebook.com/libroilritorno

blogue: dclementoni.blogspot.it

e-mail: d.clementoni@gmail.com Traduzido por Marta de Camargo Fernandes

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida em qualquer forma, incluindo qualquer tipo de sistema mecânico e eletrônico, sem a via permissão por escrito da editora, exceto para breves passagens para fins de resenha.

A minha esposa e a meu filho pela paciência que tiveram comigo e por todas as sugestões que me deram, ajudando a melhorar a mim e este romance.

Um grande obrigado a todos os meus amigos que continuamente me incentivavam e estimulavam para avançar na conclusão deste trabalho que talvez, sem eles, nunca teria visto a luz.

Índice

- [Introdução](#)
- [Astronave Theos - Um Milhão De Quilómetros De Júpiter](#)
- [Planeta Terra - Tell El-Mukayyar - Iraque](#)
- [Astronave Theos - Órbita De Júpiter](#)
- [Nassária - O Hotel](#)
- [Astronave Theos - Alarme De Proximidade](#)
- [Nassária - Restaurante Masgouf](#)
- [Astronave Theos - O Objeto Misterioso](#)
- [Nassária - O Jantar](#)
- [Astronave Theos - Análise De Dados](#)
- [Nassária - Depois Do Jantar](#)
- [Astronave Theos - Os Anciãos](#)
- [Nassária - Despertando](#)
- [Astronave Theos - Imagens Da Terra](#)
- [Tell El-Mukayyar - Escavações](#)
- [Astronave Theos - A Descoberta Desagradável](#)
- [Tell El-Mukayyar - O Sarcófago](#)
- [Astronave Theos - O Cinturão De Asteroides](#)
- [Tell-el-Mukayyar - A Invasão Da Noite](#)
- [Astronave Theos - O Rosto De Marte](#)
- [Tell El-Mukayyar - Surpresa No Meio Da Noite](#)
- [Astronave Theos - Órbita Terrestre](#)
- [Tell El-Mukayyar - O Desmascaramento](#)
- [Astronave Theos - As Preparações Finais](#)
- [Tell El-Mukayyar - Os Quatro Guardiões](#)
- [Tell El-Mukayyar - Contato](#)
- [Tell El-Mukayyar - Recuperação](#)
- [Astronave Theos - Háspedes A Bordo](#)
- [Astronave Theos - Revelação](#)
- [Referências Bibliográficas](#)
- [Note](#)

"Estivamos voltando. Tinha passado somente um dos nossos anos solares, desde que fomos obrigados a abandonar depressa o planeta, mas para eles, de anos terrestres, tinha passado 3.600. O que encontramos?"

Introdução

O décimo segundo planeta, Nibiru (O planeta de passagem) como foi chamado pelos Sumerianos ou Marduk (o rei dos céus), como foi apelidado pelos babilônios, na verdade é um corpo celeste que orbita em torno do nosso sol com um período de 3.600 anos. A sua órbita é substancialmente elíptica, retrógrada (gira em torno do sol na direção oposta aos outros planetas) e é muito inclinada em relação ao plano do nosso sistema solar.

A cada sua aproximação cíclica quase sempre resultava em enormes perturbações interplanetárias em nosso sistema solar tanto nas órbitas, tanto na concepção dos planetas que faziam parte. Em particular, foi em uma de suas passagens mais tumultuosas que o planeta imponente Tiamat, Localizado entre Marte e Júpiter, com uma massa de cerca de nove vezes a da Terra, rico em água e equipada com onze satélites, foi devastado por uma colisão enorme. Uma das sete luas que orbitam em torno a Nibiru bateu no gigante Tiamat dividindo-o praticamente ao meio e formando as duas seções seguirem órbitas diferentes. Em um segundo momento (o "segundo dia" da Gênese), os restantes satélites de Nibiru completaram o feito, destruindo completamente uma das duas partes formadas na primeira colisão. Os detritos gerados pelos múltiplos impactos em parte criaram o que hoje conhecemos como o "Cinturão de Asteróides" ou "Anel de Fragmentos", como era chamado pelos sumérios e, em parte, foram incorporados aos planetas vizinhos. Em particular, foi a Júpiter que capturou a maioria dos detritos, aumentando consideravelmente a sua massa.

Os satélites causadores do desastre, incluindo os sobreviventes da ex-Tiamat foram em sua maior parte "lançados" fora das órbitas, formando o que hoje conhecemos como "cometas". A parte que escapou da segunda colisão se posicionou em uma órbita estável entre Marte e Vênus, levando com se o último satélite e assim formou o que conhecemos hoje como Terra, juntamente com a sua companheira inseparável a Lua.

A cicatriz causada pelo impacto cósmico, que ocorreu há cerca de 4 bilhões de anos, ainda é parcialmente visível hoje. A parte danificada do planeta está completamente coberta pelas águas do que é agora chamado Oceano Pacífico. Ele ocupa cerca de um terço da superfície da Terra com uma área de mais de 179 milhões de quilômetros quadrados. Ao longo desta vasta área não são praticamente presentes áreas de superfície, mas apenas uma grande depressão que se estende às profundidades superiores a dez quilômetros.

Atualmente Nibiru como formação, é muito semelhante à da Terra. É por dois terços coberto por água, enquanto o resto está ocupado por um único continente que se estende do Norte ao sul, com uma área total de mais de 100 milhões de quilômetros quadrados. Alguns de seus habitantes, por centenas de milhares de anos, aproveitando da aproximação cíclica do planeta ao nosso, nos fazem visitas sistematicamente, influenciando, todas as vezes, a cultura, o conhecimento, a tecnologia e até mesmo a evolução da raça humana. Nossos predecessores têm chamado eles de várias formas, mas talvez o melhor nome que os representa seja: "deuses"

Astronave Theos — Um Milhão De Quilômetros De Júpiter

Azakis ficou deitado confortavelmente na sua poltrona escura automática que o seu velho amigo Artesão, construiu com as prioridades máximas, dando de presente tantos anos antes, por ocasião da sua primeira missão interplanetária.

— Vai te dar sorte — disse aquele dia. — Servir para você se relaxar e tomar as decisões certas quando for preciso.

Na verdade, de decisões, sentado lá, tinha tomado várias desde então e a sorte, também, ficou muitas vezes ao seu lado. Por isso tinha feito sempre em modo de levar-la consigo esta cara lembrança, mesmo a despeito de muitas regras que o teriam impedido, especialmente em uma nave espacial como a Bousen-1, na qual encontrava-se agora.

Uma tira de fumaça azulada subia reta e rápido do charuto entre o polegar e o indicador da mão direita, enquanto com os olhos, tentava seguir a 4,2 UA¹ que ainda o separava do seu destino. Embora fizesse esse tipo de viagem há muitos anos, o charme da escuridão do espaço e das bilhões de estrelas que pontilhavam sempre foram capazes de roubar seus pensamentos. A grande abertura elíptica, apenas na frente de seu posto, permitia de ter uma visão completa na direção da viagem e ele ficava sempre surpreendido em como, esse campo de força muito fino fosse capaz de protegê-lo do frio do espaço sideral e impedia ao ar de fugir para fora de repente, aspirado pelo vácuo exterior. A morte seria quase imediata.

Aspirou rapidamente um bocado do seu charuto e voltou a olhar no display holográfico na sua frente, onde apareceu o rosto cansado e não barbeado de Petri, o seu companheiro de viagem, que da outra parte da nave, reparava o sistema de controlo dos tubos de escape. Por um pouco brincou distorcendo a imagem soprando a fumaça apenas aspirada, criando um efeito de onda que lembrava tanto os movimentos sinuosos das dançarinas sensuais, que costumava encontrar quando finalmente voltava para a sua cidade natal e poderia desfrutar de um pouco de merecido descanso.

Petri, seu amigo e companheiro de aventuras, tinha quase trinta e dois anos e era a sua quarta missão deste tipo. Sua estatura imponente e enorme incúria, em todos os que o conheceram, sempre muito respeito. Olhos negros como espaço exterior, cabelo longo, escuro e bagunçado que iam até os ombros, quase dois metros de altura e trinta, peito e braços poderosos capazes de levantar um Nebir² adulto sem esforço, mas com a alma de uma criança. Ele era capaz de se comover vendo desabrochar uma flor de Soel³, poderia ficar por horas assistindo as ondas do mar e quebrando na branca costa do Golfo do Saraan⁴. Uma pessoa incrível, confiável, leal, pronto para dar a vida por ele sem hesitação. Ele nunca teria partido se não tivesse tido Petri ao seu lado. Era a única pessoa no mundo em quem confiava cegamente e que nunca o trairia.

Os motores da astronave, ajustada para a navegação dentro do sistema solar fazia o clássico e reconfortante zumbido bifásico. Para os seus ouvidos treinados, o som confirmava que tudo estava funcionando perfeitamente. Com a sua sensibilidade auditiva seria capaz de perceber uma variação nas salas de câmbio de apenas 0,0001 Lasig, Muito antes do sofisticadíssimo sistema de controle automatizado possa perceber. Por isso foi concedido, já em uma jovem idade, o comando de uma astronave da classe de Pegasus.

Muitos de seus colegas de curso dariam um braço para estar lá ao posto dele. Mas era ele que estava lá.

O implante intra-ocular O ^ OCM materializou a sua frente a nova rota recalculada. Era incrível como um objeto grande alguns metros podia executar todas aquelas funções. Inserido diretamente no nervo óptico, era capaz de exibir um painel de controle inteiro, sobrepondo a imagem

sobre o que você realmente tinha na frente. No início, não tinha sido fácil se acostumar com aquele dispositivo e mais de uma vez a náusea tinha tomado conta. Agora, no entanto, não poderia ficar sem.

Todo o sistema solar girava em torno a ele em toda sua fascinante grandeza. O pequeno ponto azul perto do gigante Júpiter, representava a posição da sua astronave e a linha vermelha fina, curvada um pouco mais do que a anterior agora transparente, indicava a nova trajetória em direção à Terra.

A atração gravitacional do maior planeta do sistema era impressionante. Devia absolutamente ficar a uma distância segura e somente a potência dos dois motores Bousen, permitiria a Theos de escapar do abraço mortal.

"Azakis" resmungou o comunicador portátil sobre o painel de comando na frente dele. "Devemos verificar a condição das juntas no compartimento seis."

"Você não fez ainda?" respondeu em tom de brincadeira, com a certeza de enfurecer o seu amigo.

"Jogue fora esse charuto fedorento e venha me dar uma mão!" Petri bradou.

Eu sabia.

Tinha conseguido enfurecer o amigo e se divertia como um louco.

"Aqui estou, aqui estou. Eu estou chegando, meu amigo, não fique bravo."

"Vamos, já quatro horas que estou no meio desta porcaria e não tenho vontade de brincar."

Resmungo como sempre, mas nada, nem ninguém, poderia separar esses dois.

Eles se conheciam desde a infância. Petri o tinha salvado mais de uma vez de uma surra certa (sempre foi muito maior do que os outros, desde criança), interpondo com o seu tamanho respeitável o seu amigo e turma de valentes do momento.

Azakis, quando menino, não era o tipo pelas quais as representantes do sexo oposto fariam loucuras para conhecer. Vestia-se sempre bastante desalinhado, cabelo a zero, físico frágil, sempre conectado à rede da qual absorvia milhões de informações a uma velocidade dez vezes superior ao máximo. Já com dez anos, graças ao seu excelente desempenho nos estudos, obteve um acesso de nível C, com a possibilidade de se aproximar ao conhecimento proibido a quase todos os seus pares. O implante neural N-OCM, que garantia aquele tipo de acesso, no entanto, tinha algumas pequenas contra-indicações. Durante a fase de aquisição, a concentração tinha que ser quase absoluta, e uma vez que a passava a maior parte do seu tempo assim, havia quase sempre uma expressão ausente, com o olhar perdido, absolutamente alheio a tudo que acontecia ao seu redor. Na verdade, todos acreditavam que, ao contrário do que diziam os Anciãos, ele fosse meio retardado.

Ele não se importava.

Sua sede de conhecimento não tinha limites. Mesmo durante a noite permanecia conectado e embora durante o sono a capacidade de adquirir, por causa da necessidade de concentração absoluta, fossem reduzidos a um mero 1%, não queria perder nem um segundo da sua vida, sem a possibilidade de aumentar a própria bagagem cultural.

Deu um sorriso leve e foi em direção ao compartimento seis, onde o seu amigo estava esperando.

Planeta Terra - Tell El-Mukayyar - Iraque

Elisa Hunter estava tentando pela enésima vez enxugar a molesta gota de suor que, da sua testa, teimava em cair lentamente na direção do seu nariz, e, em seguida, mergulhar na areia quente aos seus pés. Eram já muitas horas que esta de joelhos, com a sua inseparável Espátula Marshalltown⁶, raspando delicadamente o solo, na tentativa de trazer a luz, sem danos, aquela que parecia se a parte superior de uma lâmpade. Desde o começo essa teoria não a tinha convencido. Perto do Ziqqurat di Ur⁷, onde da quase dois meses, graças a sua fama de arqueóloga e grande esperta de Língua sumeriana, tinham dado permissão de trabalhar. Muitas sepulturas, deste o começo as escavações no início do sec. XX, foram encontradas, mas em nenhuma delas, tinham encontrado manufaturados como aqueles. Dada a forma quadrada particular e o grande porte, mais que um sarcófago, parecia a "tampa" de uma espécie de recipiente enterrado há milhares de anos antes, para proteger ou esconder sabe-se o quê.

Infelizmente, tendo trazido a luz, pelo momento, apenas uma porção da parte superior, ainda não era capaz de determinar o quanto, o suposto recipiente, pudesse ser alto. As incisões cuneiformes que cobriam toda a superfície visível da tampa, não se assemelhavam a nada que já tivesse visto antes.

Para traduzir levaria vários dias e muitas noites sem dormir.

"Doutora."

Elisa levantou a cabeça e, com a mão direita logo acima dos olhos para se proteger do sol, viu o seu ajudante Hisham, vindo em sua direção com passos rápidos.

"Doutora", repetiu o homem, "uma chamada para você da base. Parece urgente."

"Já vou. Obrigada Hisham."

Aproveitou a pausa forçada para beber um gole de água, já quase fervendo, do cantil que ela sempre levava preso ao cinto.

Uma chamada da base... S³ podia significar problemas chegando.

Levantou-se, deu uns tapas nas calças levantando várias nuvens de poeira e caminhou determinada para a tenda que servia de base de apoio para pesquisas.

Ela abriu o zíper que mantinha semi fechada a tenda e entrou. Demorou um pouco para seus olhos habitarem a mudança de luz, mas isso não a impediu de reconhecer, no monitor, o grande rosto do Coronel Jack Hudson, que severamente, olhava para o nada esperando uma sua resposta.

O Coronel era oficialmente responsável pela equipe estratégica anti-terrorismo em Nassíria, mas a sua verdadeira tarefa era coordenar uma série de estudos científicos encomendados e controlados por um misterioso departamento: ELSAD⁸. Este departamento era cercado da aura de mistério que normalmente convolve esse tipo de estrutura. Quase ninguém sabia exatamente os objetivos e as metas de todo o grupo. Sabia-se apenas que o comando operacional reportava diretamente ao Presidente dos Estados Unidos.

No fundo, Elisa não se importava muito. A verdadeira razão pela qual ela tinha decidido aceitar a oferta em participar de uma das expedições era a de que, finalmente, poderia voltar para os lugares que mais amava no mundo, fazendo seu trabalho que adorava e em que, apesar da sua idade relativamente jovem (trinta e oito), era uma das mais talentosas e importantes no setor.

"Boa noite, Coronel", disse ela mostrando o seu melhor sorriso. "A que eu devo esta honra?"

"Doutora Hunter, pare com essas pieguices. Sabe muito bem por que estou ligando. A autorização que foi concedida para completar o seu trabalho já expirou há dois dias e a senhora não pode mais ficar aqui."

Sua voz era clara e firme. Desta vez, nem mesmo o seu charme inegável seria suficiente para arrancar mais delongas. Decidiu jogar sua última cartada.

Desde, o 23 março de 2003, quando a coalizão liderada pelos Estados Unidos tinha decidido invadir o Iraque, com o propósito expresso de depor o ditador Saddam Hussein, acusado de manter armas de destruição em massa (alegações que se revelaram infundadas depois) e de apoiar o terrorismo islâmico, no Iraque, toda a pesquisa arqueológica, já muito difícil em tempos de paz, havia sofrido um bloco forçado. Apenas o fim formal das hostilidades, em 15 de Abril de 2003 que se reacendeu a esperança de arqueólogos de todo o mundo, de poder voltar aos lugares de onde, presumivelmente, as civilizações mais antigas da história tinham se desenvolvido e tinham, em seguida, espalhado a cultura em todo o mundo. A decisão das autoridades iraquianas e, em seguida, no final de 2011, a reabertura da escavação de alguns dos locais com valor histórico inestimáveis, a fim de "continuar a melhorar a sua herança cultural" finalmente a esperança virou certeza. Sob a bandeira da ONU e com inúmeras licenças assinadas e confirmadas por um número incontável de "autoridades", alguns grupos de pesquisadores selecionados e supervisionados por comissões especiais dedicadas, poderiam operar por períodos limitados, nas áreas arqueológicas mais significativas do território iraquiano.

"Caro Coronel", disse ela, aproximando-se tanto quanto possível da webcam de modo que seus olhos esmeralda pudessem obter o efeito que esperava. "O senhor tem toda a razão."

Sabia bem que dar uma razão ao interlocutor, o teria preparado de forma mais positiva.

"Mas agora que estamos tão perto."

"Perto do quê?" O Coronel gritou levantando-se da cadeira e apoiando os punhos sobre a mesa. "São semanas que persisti com a mesma história. Não estou disposto a confiar mais sem ver com os meus próprios olhos algo de concreto."

"Se o senhor me der a honra da sua companhia esta noite no jantar, terei o maior prazer de lhe mostrar algo que vai fazer mudar de ideia. O senhor aceita?"

Os dentes brancos ostentavam um sorriso bonito e o passar a mão pelo cabelo louro e comprido fazia o resto. Ela tinha certeza que o tinha convencido.

O Coronel franziu o cenho tentando manter um olhar furioso, mas sabia que não saberia resistir a essa proposta. Elisa fazia o seu tipo e um jantar tarde-à-noite o intrigava muito.

Além do mais ele, apesar dos seus quarenta e oito anos, era ainda um homem bonito. Corpo atlético, traços fortes, cabelos grisalhos curtos, olhar forte e decidido de um azul intenso, uma boa cultura geral que lhe permitia manter discussões sobre muitos temas, tudo combinado com o charme indiscutível do uniforme, o fazia um exemplar do sexo masculino ainda muito 'interessante'.

"Ok", bufou o Coronel, "mas se esta noite realmente não me mostre algo de incrível, já pode começar a recolher toda a sua bugiganga e fazer as malas" Ele tentou usar o tom mais autoritário possível, mas sem muito sucesso.

"As vinte e zero zero esteja pronta. Um carro vai buscá-la ao seu hotel.", e desligou, um pouco arrependido por não ter despedido.

Raios, Tenho que me apressar. Eu tenho poucas horas antes de escurecer.

"Hisham", gritou fora da tenda. "Logo, reúne toda a equipe. Eu preciso de toda a ajuda possível."

Ele caminhou, com passos rápidos, os poucos metros que separavam da área de escavação, deixando para trás toda uma série de pequenas nuvens de poeira. Dentro de minutos, todos se reuniram ao seu redor esperando por suas ordens.

"Vocês, por favor, remova a areia daquele canto", ordenou, indicando o lado da pedra mais longe dela. "E vocês ajudem-no. Tome cuidado, muito cuidado. Se é o que penso, este objeto vai ser a nossa salvação."

Astronave Theos - Órbita De Júpiter

O pequeno, mas extremamente confortável, módulo esférico de transferência interna estava correndo a uma velocidade média de cerca de 10 m / s, o duto número três, levaria Azakis até a entrada do compartimento, onde o seu companheiro Petri o esperava.

A Theos, também de forma esférica, com um diâmetro de noventa e seis metros, equipada com dezoito condutas tubulares, cada uma com pouco mais de trezentos metros, como meridianos, construídos com dez graus de distância uns dos outros e cobrindo toda a circunferência. Cada um dos vinte e três níveis, com quatro metros de altura, exceto para o hangar central (de cima primeiro nível) que media o dobro, eram facilmente acessíveis graças às "paradas" que cada conduta tinha em cada andar. Na prática, para ir dos dois pontos mais distantes do navio, pode-se empregar um máximo de quinze segundos.

A freagem foi quase imperceptível. A porta se abriu com um leve chiado e atrás dela apareceu Petri, parado com as pernas abertas e os braços cruzados.

"São horas que espero", disse com tom decididamente pouco convindo. "Você já terminou com os filtros de ar entupindo eles com aquela porcariada fedorenta que você sempre carrega?" A alusão ao charuto era ligeiramente velada.

Indiferente à provocação, com um sorriso, Azakis pega do cinto o analisador portátil e o ativa com um gesto do polegar.

"Segure isso e vamos logo", disse, passando o aparelho com uma das mãos, enquanto com a outra tentava colocar o sensor dentro da junta a sua direita. "Chegada prevista em aproximadamente 58 horas e estou um tantinho preocupado."

"Por quê?" Petri perguntou ingenuamente.

"Não sei. Tenho a sensação de que vamos ter uma grande surpresa desagradável."

A ferramenta que Petri tinha em mão começou a emitir uma série de sons em diferentes frequências. Ele olhava o aparelho em busca de alguma ideia do que estivesse indicando. Olhou em direção ao amigo à procura de algum sinal, mas não viu nenhum. Azakis, movendo-se com muito cuidado, apontou o sensor na outra direção. Uma nova série de sons ininteligíveis saiu do analisador. Depois, silêncio. Azakis pegou o instrumento da mão do seu companheiro, olhou atentamente para os resultados, em seguida, sorriu.

"Tudo bem. Podemos prosseguir."

Sentiu que Petri percebeu que prendia a respiração. Jogou fora todo o ar e imediatamente sentiu uma sensação de relaxamento. Uma falha, por menor que seja, de uma dessas articulações poderia acabar com a missão, obrigando-os a voltar o mais rápido possível. Seria a última coisa que desejaria. Estavam tão perto.

"Vou tomar um banho", disse Petri tentando sacudir um pouco da poeira. "A visita a um conduto sempre assim...", e acrescentou, franzindo o lábio superior "instrutiva!"

Azakis sorriu. "Vejo você na ponte de comando."

Petri chamou o módulo e, um segundo depois, se foi.

O Sistema Central anunciou que a órbita de Júpiter tinha sido superada sem problemas e que eles estavam indo sem problemas em direção à Terra. Com um leve movimento dos olhos para a direita, Azakis pediu ao seu OCM mostrar a rota novamente. O ponto azul que se movia na linha vermelha, agora tinha se movido um pouco mais perto da órbita de Marte. A contagem regressiva, indicava o tempo estimado de chegada em 58 horas exatas e a velocidade da nave em 3.000 km / s. Estava cada vez mais nervoso. Por outro lado, aquela em que estava viajando, era a primeira astronave equipada com os novos motores Bousen, completamente diferentes das concepções anteriores. Os projetistas afirmavam que seriam capazes de impulsionar a aeronave

a uma velocidade perto da um décimo daquela da luz. Ele ainda não se atrevia a ir tão longe. Para o momento, 3.000 km/s, pareciam mais do que suficiente para uma viagem inaugural.

Dos cinquenta e seis membros da tripulação não que normalmente teriam de ser acomodados a bordo da Theos nessa primeira missão, tinha sido selecionados somente oito, incluindo Petri e Azakis. As razões dadas pelos Anciões não foram muito exaustivas. Limitaram as explicações com a sentença, que dada a natureza da viagem e o destino, poderiam encontrar muitas dificuldades e que, portanto, seria melhor não colocar em risco muitas vidas desnecessariamente.

Então não seríamos sacrificáveis? Que gênero de conversa. Era sempre assim. Quando tinha que arriscar a pele quem ia na frente? Azakis e Petri.

Afinal de contas, a propensão deles para a aventura e também a notável capacidade de resolver situações "complicadas", resultaram em uma série de benefícios nada maus.

Azakis vivia em uma casa enorme na linda cidade de Saaran localizada ao sul do continente, que tinha sido usada até recentemente, como um depósito pelos artesãos da cidade. Ele, graças aos "benefícios", tinha conseguido a posse e a permissão para alterá-lo à vontade.

A parede sul tinha sido completamente substituída por um campo de força semelhante ao utilizado na sua nave espacial, de modo a permitir-lhe ver, diretamente da sua inseparável poltrona auto maleável, a maravilhosa baía. Em caso de necessidade toda a parede poderia ser transformada num sistema tridimensional gigante, onde poder ser exibidos simultaneamente até doze transmissões simultâneas da rede. Mais de uma vez, este sofisticado sistema de controle e gestão, tinha lhe permitido obter informações decisivas muito em anticipo, permitindo-lhes assim resolver com sucesso até crises de grande importância. Ele não sabia renunciar.

Uma parte do ex-depósito estava reservada para a sua coleção de souvenir recuperados em todas as suas missões, realizadas nos anos por todo o espaço. Cada um deles lembrava de algo especial e cada vez que ele estava no meio daquela confusão absurda de objetos estranhos, não poderia deixar de agradecer a sua boa sorte, e acima de tudo, seu fiel amigo, que, mais de uma vez, tinha salvado a sua vida.

Petri ao contrário, embora sempre se destacasse brilhantemente em seus estudos, não era um amante da tecnologia de ponta. Embora fosse capaz de dirigir com facilidade praticamente todos os tipos de veículos em circulação, conhecer perfeitamente a cada modelo de arma e todos os sistemas de comunicação locais e interplanetária, preferia, muitas vezes, confiar em seus instintos e nas suas habilidades manuais para resolver os problemas que apresentavam. Mais de uma vez, diante de seus olhos, viu ele transformar em pouquíssimo tempo, um amontoado informe de sucata de metal em um meio de transporte ou uma incrível arma de defesa. Poderia construir qualquer coisa que precisasse. Certamente em parte era devido à hereditariedade transmitida pelo seu pai, um habil artesão, mas acima de tudo, à sua grande paixão pelas artes. Desde jovem, na verdade, se encantava com as habilidades manuais dos artesãos que conseguiam transformar a matéria impotente em algo de muito útil e tecnológico, deixando intacta dentro deles "a beleza".

Um som desagradável, intermitente e alto, o surpreendeu, trazendo-o de volta à realidade imediatamente. O alarme de proximidade automática soou de repente.

Nassária - O Hotel

O hotel não era certamente um 'cinco estrelas', mas para ela que estava acostumada a passar semanas em uma tenda no deserto, até mesmo o chuveiro poderia ser considerado um luxo. Elisa deixou a água quente e regeneradora cair massageando pescoço e ombros. Seu corpo parecia gostar muito, porque toda uma série de agradáveis arrepios passou várias vezes pela suas costas.

Você só percebe o quanto importante algumas coisas são, quando as perde.

Somente dez minutos mais tarde, ela decidiu sair do chuveiro. O vapor tinha embaçado o espelho que estava pendurado visivelmente torto. Tentou endireitá-lo, mas assim que ela soltava, voltava à sua posição original desequilibrada. Preferiu ignorá-lo. Com uma aba da toalha secou uma gota d'água que permanecia sobre ele e se admirou. Quando mais jovem, que tinha sido repetidamente contactada para trabalhar como modelo e até mesmo como atriz. Talvez agora poderia ser uma estrela de cinema ou a esposa de um rico jogador de futebol, mas o dinheiro nunca a tinha atraído muito. Preferia suar, comer poeira, estudar textos antigos e visitar lugares remotos. A aventura sempre esteve no seu sangue e a emoção que sentia ao descobrir um artefato antigo, o desenterrar dos restos de milhares de anos, não poderia ser comparado a nenhuma outra coisa.

Ela se aproximou do espelho, demais, e viu aquelas malditas rugas finas nas laterais dos olhos. A mão foi automaticamente dentro da necessaire do qual tirou um desses cremes que 'tiram dez anos em uma semana'. Com cuidado passou por todo o rosto e se olhou atentamente. O que queria, um milagre? Além disso, o efeito seria visível somente após 'sete dias'. Ela sorriu para si mesma e para todas as mulheres que foram facilmente enganadas pela publicidade.

O relógio na parede acima da cama marcava 19:40. Nunca iria conseguir se preparar em apenas vinte minutos.

Secou-se o mais rápido possível, deixando o cabelo loiro ligeiramente molhado, e ficou na frente do guarda-roupa de madeira escura, onde guardava as poucas roupas elegantes que tinha conseguido levar consigo. Em outros momentos, ela poderia passar horas para decidir o vestido para a ocasião, mas, naquela noite, a escolha era muito limitada. Optou, sem pensar muito, o vestido preto curto. Muito bonito, muito sexy, mas não vulgar, com um decote generoso que certamente exaltaria os generosos seios. Pegou e, com um elegante movimento, jogou o vestido na cama.

19:50. Apesar de ser mulher detestava se atrasar.

Ela olhou pela janela e viu um carro escuro, incrivelmente brilhante, exatamente em frente à porta do hotel. Aquele que deveria ser o motorista, um rapaz vestido com roupas militares, estava encostado no capô enganando a espera calmamente fumando um cigarro.

Usou lápis e lápis para exaltar os olhos, passou rapidamente batom nos lábios e como tentou distribuí-lo uniformemente com uma série de beijos no ar, colocou seus brincos favoritos, não sem dificuldade em encontrar os 'buracos'.

Na verdade, fazia muito tempo que não saía à noite. O trabalho fazia ela estar sempre viajando ao redor do mundo e nunca foi capaz de encontrar uma pessoa para um relacionamento estável, que durasse mais do que poucos meses. O instinto maternal inato que toda mulher e que ela habilmente fazia questão de ignorar, agora, com a aproximação da maturidade biológica, se fazia presente sempre mais. Talvez fosse hora de pensar seriamente sobre comer uma família.

Abandonou o mais rápido possível esse pensamento. Colocou o vestido, calçou o único par de sapatos de salto alto de doze centímetros que tinha trazido, e com gestos largos, jogou em ambos os lados do pescoço o seu perfume favorito. Xale de seda, grande bolsa preta. Estava pronta. Última olhada na frente do espelho perto da porta, confirmou a perfeição de seu vestuário. Deu a volta sobre si mesma e saiu com um ar satisfeito.

O jovem motorista, depois de ter colocado no lugar o queixo, que havia caído pela visãõ de Elisa quando saiu do hotel, jogou o segundo cigarro que tinha acabado de acender e correu para abrir a porta do carro.

"Boa noite, Doutora Hunter. Podemos partir?" perguntou com voz hesitante o militar.

"Boa noite", disse ela, testando o seu maravilhoso sorriso. "Vamos."

"Obrigada pela passagem", acrescentou enquanto entrava no carro, sabendo muito bem que a saia subiria ligeiramente e teria parcialmente mostrado as pernas ao militar envergonhado. Ela sempre gostou de se sentir admirada.

Astronave Theos - Alarme De Proximidade

O sistema OCM materializou imediatamente a frente de Azakis, um objeto estranho cujos contornos, dada a baixa resolução obtidas pela visão de longo alcance que o levavam, ainda não eram bem definidas. Certamente estava se movendo e andava em direção deles. O sistema de aviso de proximidade, avaliou a probabilidade de impacto entre o Theos e o objeto desconhecido, maior de 96%, se ninguém mudasse a própria rota.

Azakis rapidamente entrou no modo de transferência mais próximo. "Sala de controle" ordenou ao sistema automatizado.

Depois de cinco segundos, a porta se abriu assobiando e a grande tela central da sala de controle mostrava, ainda muito turva, o objeto que estava se movendo em rota de colisão com a nave.

Quase simultaneamente, outra porta perto dele se abriu e Petri saiu afanado.

"O que diabos está acontecendo?" perguntou o seu amigo: "Não deveriam ter meteoritos nesta área", exclamou com espanto olhando para a grande tela.

"Eu não acho que seja um meteorito."

"E se não é um meteorito, então o que é que é?" Petri perguntou, visivelmente preocupado.

"Se não corrigimos imediatamente a rota, vai poder ver diretamente com seus olhos, quando nos encontramos com ele dentro do painel de comando."

Petri imediatamente mexeu nos controles de navegação e ajustou uma ligeira variação da trajetória daquela previamente determinada.

"Impacto em 90 segundos.", comunicou sem emoção, a voz feminina do sistema de aviso. "Distância do objeto: 276.000 km, em aproximação."

"Petri faz alguma coisa e rápido!" gritou Azakis.

"Eu já estou fazendo, mas essa coisa se move muito rápido."

A estimativa da probabilidade de impacto, visível na tela no lado direito do objeto, estava diminuindo lentamente. 90%, 86%, 82%.

"Não vamos conseguir", disse com um fio de voz Azakis.

"Meu amigo, ainda não inventaram um 'objeto misterioso' que possa esmagar a minha nave", disse Petri com um sorriso diabólico.

Com uma manobra que fez perder a ambos, por um momento, o equilíbrio, Petri impostou os dois motores Bousen uma inversão de polaridade instantânea. A nave espacial tremeu por longos momentos e apenas o sistema de gravidade artificial refinado, assegurando uma compensação imediata na variação, impediu que toda a tripulação acabasse esmagada na parede na frente deles.

"Bom trabalho" disse Azakis dando um tapinha vigorosa no ombro do amigo. "Mas agora, como você vai parar a rota?" Os objetos na sala já tinham começado a subir e a girar dando voltas no ambiente.

"Só um minuto", disse Petri pressionando botões e mexendo com os controles.

"Basta só..." Uma série de gotas de suor escorria lentamente da sua testa. "abrir a...", continuou ele, enquanto tudo o que estava na sala voava incontrolavelmente. Então os dois começaram a se alisar do chão. O sistema de gravidade artificial já não podia compensar a imensa força centrífuga gerada. Eles estavam sempre mais leves.

"a... a porta... trás!" gritou Petri no final, enquanto todos os objetos caíram no piso. Uma grande caixa pesada, atingiu Azakis exatamente entre a terceira e quarta costela, fazendo-o emitir um gemido maldoso. Petri, a partir da altura de meio metro de onde foi parar, caiu sob o painel de instrumentos, em uma posição por nada natural e decididamente ridícula.

A estimativa do impacto tinha caído para 18% e continuou a diminuir rapidamente.

"Tudo Bem?" logo perguntou Azakis, tentando esconder a dor no lado atingido.

"Sim, sim. Eu estou bem, estou bem", disse Petri tentando se levantar.

Um momento depois Azakis estava chamando o resto da tripulação que prontamente comunicava ao seu comandante a ausência de danos a pessoas e bens.

A manobra apenas executada, tinha desviado um pouco a Theos da rota anterior e a depressão causada pela abertura da porta tinha sido imediatamente compensada pelo sistema automatizado.

6%, 4%, 2%.

"distância do objeto: 60.000 km" Anunciou a voz.

Ambos estavam segurando a respiração, esperando de chegar à distância de 50.000 km na qual seria acionados os sensores de curto alcance. Esses momentos pareciam intermináveis.

"Distância do objeto: 50.000 Km. Sensores de curto alcance: ativos."

A figura borrada na frente deles, de repente ficou nítida. O objeto apareceu na tela, tornando visível cada detalhe. Os dois amigos se olharam, espantados, olhos nos olhos.

"Inacreditável!" exclamaram em uníssono.

Nassária - Restaurante Masgouf

O Coronel Hudson caminhava nervoso, ao longo da diagonal do corredor em frente da sala principal do restaurante. Olhava, praticamente a cada minuto, o relógio tático que sempre mantinha no seu pulso esquerdo e que nunca tirava, mesmo para dormir. Ele estava tão entusiasmado como um adolescente em seu primeiro encontro.

Para matar o tempo, pediu um Martini com gelo e uma fatia de limão ao bartender bigodudo que, embaixo de sobranceiras grossas, observava com curiosidade, enquanto ociosamente limpava uma série de copos.

Alcool, obviamente, não era permitido nos países islâmicos, mas, para essa noite, tinha feito uma exceção. O pequeno restaurante foi totalmente reservado somente para os dois.

O Coronel, logo após fechar a conversa com a Dra. Hunter, tinha imediatamente entrado em contato com o proprietário do restaurante, especificamente pedindo o prato especial Masgouf, do qual o restaurante tinha pego o nome. Dada a dificuldade em encontrar o ingrediente principal, o esturjão do rio Tigre, queria ter certeza de que o local pudesse servir. Além disso, sabendo que precisa de pelo menos duas horas para prepará-lo, queria que tudo fosse cozinhado sem pressa e com a perfeição absoluta.

Para a noite, como o uniforme mimético certamente não seria adaptado à situação, decidiu tirar fora o seu terno escuro Valentino, combinado com uma gravata de seda Regimental com listras cinzas e brancas. Os sapatos pretos são engraxados como um militar, sempre italianos. Claro, o relógio tático não tinha nada a ver, mas nunca poderia ficar sem ele.

"Chegaram." A voz saiu crepitante do receptor, parecido com um telefone celular, que mantinha no bolso interno do terno. Desligou o aparelho e olhou através da porta de vidro.

O grande carro escuro desviou de um saquinho amassado, levado pela ligeira brisa da noite rolava preguiçosamente na rua. Com uma manobra rápida parou em frente da entrada do restaurante. O motorista deixou a poeira abaixar, em seguida, cautelosamente saiu do carro. Do fone de ouvido escondido na sua orelha direita, vieram uma série de 'tudo libero'. Ele olhou atentamente em todas as posições anteriormente predefinidas até estar certo de que tinha identificado todos os seus homens que, em uniforme de combate, cuidariam da segurança dos dois comensais durante todo o jantar.

A área era segura.

Abriu a porta traseira e, gentilmente estendendo a sua mão direita, ajudou a convidada a descer do automóvel.

Elisa agradeceu o militar pelo gesto gentil, saiu suavemente do carro. Ela olhou para cima e encheu os pulmões do ar limpo da noite clara, se deu um momento para contemplar o magnífico espetáculo do céu estrelado do deserto sabia encenar.

O Coronel ficou por um momento indeciso se ir ao seu encontro ou ficar dentro da sala esperando a sua entrada. No final, escolheu sentar na esperança de melhor mascarar a sua agitação. Em seguida, fingindo indiferença, se aproximou do balcão, sentou num banco, descansou o cotovelo esquerdo na madeira escura, balançou um pouco o licor em seu copo e parou para observar a semente do limão se depositar lentamente no fundo.

A porta se abriu com um leve chiado e o motorista militar se inclinou para verificar se tudo estava em ordem. O Coronel deu um leve aceno de cabeça e o militar acompanhou Elisa ao interno, fazendo ela passar com um grande movimento da mão.

"Boa noite, Dra. Hunter", disse o Coronel, levantando-se do banco e mostrando o seu melhor sorriso. "A viagem foi confortável?"

"Boa noite, Coronel," Elisa respondeu com um sorriso deslumbrante "Tudo bem, obrigada. O motorista foi muito gentil."

"Você pode ir, obrigado", disse com voz autoritária o Coronel, ao soldado que o saudou, virou-se e desapareceu na noite.

"Uma bebida, doutora?" perguntou o Coronel, chamando com um aceno de sua mão o barman bigodudo.

"O mesmo que o senhor," Elisa respondeu imediatamente, apontando para o copo de Martini que o Coronel ainda estava segurando. Então, ela acrescentou, "Pode me chamar de Elisa, Coronel, se preferir."

"Perfeito. E você pode me chamar Jack. 'Coronel' vamos deixar para os meus soldados. " # um bom começo, pensou o Coronel.

O barman preparou cuidadosamente o segundo martini e entregou a recém-chegada. Ela se aproximou do primeiro copo ao do Coronel e brindou.

"Saúde" exclamou alegremente e deu um grande gole.

"Elisa, eu tenho que dizer que esta noite você está realmente maravilhosa", disse o Coronel passando os olhos da cabeça aos pés da sua convidada.

"Você também não está nada mal. O uniforme pode até ter o seu charme, mas eu prefiro você assim" disse sorrindo maliciosamente e inclinando a cabeça ligeiramente para um lado.

Jack, um pouco sem jeito, voltou a sua atenção para o conteúdo do copo que tinha em mãos. Ele o observou por um momento, então engoliu em um gole.

"Que tal se nós vamos para a mesa?"

"Boa ideia", disse Elisa. "Estou morrendo de fome."

"Eu fiz preparar a especialidade da casa. Espero que você goste."

"Não me diga que você conseguiu que cozinhassem o Masgouf!" Ela exclamou com espanto, abrindo os belos olhos verdes. "# quase impossível encontrar o esturjão do Tigre nessa época do ano."

"Para uma companhia como a sua não podia que exigir melhor", disse satisfeito o Coronel, vendo que sua escolha parecia ter sido muito apreciada. Ele gentilmente estendeu a mão direita e convidou a doutora a segui-lo. Ela, sorrindo maliciosamente, apertou a sua mão e se deixou acompanhar à mesa.

O local era decorado no estilo típico local. Luz quente e suave, grandes cortinas em quase todas as paredes descendo do teto. Um grande tapete com desenhos Eslimi e Toranjdar, cobria quase todo o chão, enquanto alguns menores foram colocados nos cantos da sala, para enquadrar o tudo. # claro, a tradição queria que a refeição fosse consumida sentados no chão em travesseiros agradáveis e macios, mas, como bom ocidental, o Coronel tinha preferido uma mesa 'clássica'. Essa foi cuidadosamente preparada e as cores escolhidas para a toalha eram perfeitamente compatíveis com o resto da sala. Um fundo musical onde uma Darbuka⁹ acompanhava a batida Maqsum¹⁰ a melodia de um Oud¹¹, gentilmente preenchia toda a sala.

Uma noite perfeita.

Um garçom alto e magro se aproximou e educadamente, com uma reverência, convidou os dois convidados para se sentar. O Coronel fez Elisa se acomodar e a ajudou com a cadeira, em seguida, sentou-se na sua frente, tomando cuidado para não fazer a gravata cair dentro do prato.

"# realmente lindo aqui", disse Elisa, olhando ao redor.

"Obrigado", disse o Coronel. "Devo confessar que temia a sua opinião. Então eu pensei sobre sua paixão por esses lugares e pensei que poderia ser a melhor escolha."

"Acertou em cheio!" Elisa exclamou mostrando mais uma vez o seu maravilhoso sorriso.

O garçom abriu uma garrafa de champanhe e, enquanto enchia os copos de ambos, um outro se aproximou com uma bandeja na mão, dizendo: "Para começar, por favor, aceite um Most-o-bademjan.¹² "

Os dois comensais pareciam satisfeitos, pegaram os dois cálices e beberam novamente.

A cerca de uma centena de metros do local, dois tipos estranhos em um carro escuro mexiam em um sofisticado sistema de vigilância.

"Você viu como o Coronel mima a donzela?" disse sorrindo um decididamente obeso, que estava no banco do motorista, enquanto mordida um enorme sanduíche e se enchia de migalhas barriga e calças.

"Foi uma ideia genial colocar um emissor no brinco da doutora" respondeu o outro, muito mais magro, com os olhos grandes e escuros, que bebia café de um copo grande de papel marrom. "A partir daqui podemos perfeitamente ouvir tudo o que eles dizem."

"Olha, para não criar problemas e registra de tudo", avisou, "caso contrário, vão nos fazer pagar por esses brincos."

"Não precisa se preocupar. Eu conheço muito bem esse aparelho. Não vai escapar mesmo um sussurro."

"Devemos que descobrir o que realmente descobriu a doutora", acrescentou o gordo. "Nosso líder tem investido muito dinheiro para seguir secretamente esta investigação."

"Não deve ter sido fácil vista a forte estrutura de segurança que o Coronel preparou." O homem magro olhou para o céu com cara de sonhador e acrescentou: "Se tivessem dado a mim um milésimo de todo aquele dinheiro, agora eu estaria deitado sob uma palmeira em Cuba, tendo como única preocupação a de escolher entre uma Margarita ou uma Piña Colada."

"E talvez com um monte de garotas em biquê que passam o filtro solar em você", disse o gordo, caindo na gargalhada, enquanto o movimento da barriga fazia cair no chão parte das migalhas.

"Este aperitivo é delicioso." A voz da doutora saiu ligeiramente distorcida pelo pequeno alto-falante no painel. "Devo confessar que eu não esperava encontrar por trás dessa fachada de militar rude, um homem tão refinado."

"Bem, obrigado Elisa. Eu também não esperava que atrás de uma doutora tão altamente qualificada, além de muito bonita, tivesse também uma mulher muito gentil e agradável" disse a voz do Coronel, sempre um pouco distorcida, mas com um volume ligeiramente inferior.

"Olha como eles flertam", disse o homem no banco do motorista. "Eu acho que eles vão acabar na cama."

"Eu não tenho tanta certeza", afirmou outro. "A nossa doutora é muito, muito inteligente e não acho que um jantar e alguns elogios decadentes podem ser suficientes para fazê-la cair em seus braços."

"Dez dólares que ela não passa dessa noite", disse o homem gordo estendendo a mão direita para o colega.

"Ok, aceito", exclamou o outro apertando a mão grande.

Astronave Theos - O Objeto Misterioso

O objeto que se materializou diante dos dois companheiros atônitos, definitivamente não era nada que a natureza, apesar de sua imaginação fosse infinita, pudesse criar de forma independente. Parecia uma espécie de flor metálica com três pétalas longas, sem haste, com um pistilo central com uma forma ligeiramente cônica. O lado de trás do pistilo tinha a forma de um prisma hexagonal, com a superfície de base ligeiramente maior do que a do cone posicionado no lado oposto e que servia como suporte para a estrutura inteira. A partir dos três lados do hexágono ramificavam-se pétalas equidistantes retangulares, com um comprimento de pelo menos quatro vezes maiores do que a base.

"Parece um tipo de velho moinho de vento, como aqueles que eram usados séculos atrás, nos grandes pratos do leste", disse Petri, sem tirar os olhos do objeto, nem por um segundo, mostrado na tela grande.

Um arrepio percorreu as costas de Azakis, quando regressava à mente alguns protótipos antigos que os Anciãos tinham sugerido estudar antes da partida.

"É uma sonda espacial" disse com a decisão Azakis. "Eu vi alguns, feitas mais ou menos dessa forma, nos velhos arquivos da rede" disse que, enquanto se apressava a encontrar através a N ^ COM, mais informações sobre o assunto.

"Uma sonda espacial?" Petri disse, e se virou com ar assustado em direção ao seu companheiro. "E quando foi lançada?"

"Eu acho que não é o nosso."

"Não é o nosso? O que quer dizer, meu amigo?"

"Quero dizer que não é e nem está construída nem lançada por um dos habitantes do planeta Nibiru."

O rosto de Petri ficou cada vez mais preocupado. "Como assim?" Não me diga que você acredita naquela estupidez sobre alienígenas, hein?"

"O que eu sei que nada desse tipo jamais foi construído no nosso planeta. Eu verifiquei todo o arquivo da rede e não há nenhuma correspondência com o objeto que vemos. Nem mesmo nos projetos nunca realizados."

"Não é possível!" disse Petri. "O seu N ^ COM deve estar fora de fase. Controla bem."

"Sinto muito Petri. Eu já verifiquei duas vezes e tenho absoluta certeza de que essa coisa não é nossa."

O sistema de visão de curto alcance gerou uma imagem tridimensional do objeto, recriando minuciosamente em seus mínimos detalhes. O holograma flutuava ligeiro no meio da sala de controle, suspenso a cerca de meio metro do solo.

Petri, com um movimento de sua mão direita, começou a fazê-lo girar lentamente, examinar cuidadosamente cada detalhe.

"Parece feito de uma liga de metal leve", disse Petri, com um tom muito mais técnico que espantado. "O poder dos motores devem ser fornecidas por essas três pétalas, o que parece serem cobertas com um tipo de material sensível à luz solar." Ele tinha finalmente começado a mexer nos comandos do sistema. "O pistilo deve ser uma espécie de antena de rádio de duas vias e o prisma hexagonal é definitivamente o "cérebro" dessa coisa."

Petri moveu mais rápido e mais rápido o holograma, inclinando em todas as direções. De repente, parou e disse: "Olhe aqui. Na sua opinião, o que é isso?" perguntou no momento em que ampliava os detalhes.

Azakis aproximou o máximo possível. "Parecem símbolos."

"Dois símbolos diria," corrigido Petri "ou melhor, um desenho e quatro símbolos próximos."

"Azakis continuou rapidamente através o N ^ COM, Para procurar algo na rede mas não conseguia encontrar nada que tivesse a menor correspondência com o que ele via na sua frente."

O desenho representava um retângulo composto por quinze listras longitudinais alternadas branco e vermelho, no canto superior esquerdo, um outro retângulo azul contendo cinquenta estrelas com cinco pontas brancas. À sua direita, os quatro símbolos:

JUNO

"Parece uma espécie de escrita", aventurou-se Azakis. "Talvez os símbolos representam o nome de quem criou a sonda."

"Ou talvez seja o seu nome", rebateu Petri. "A sonda se chama 'JUNO' e o símbolo dos criadores é aquela espécie de retângulo colorido."

"No entanto, certamente não é coisa nossa" afirmou Azakis. "Você acha que poderia haver alguma forma de vida nele?"

"Acho que não. Pelo menos não uma que conhecemos. O espaço da cápsula posterior, que é o único lugar onde poderia ter qualquer coisa, é muito pequeno para manter um ser vivo."

Enquanto falava, Petri já tinha começado a digitalizar a sonda, procurando qualquer sinal de vida poderia vir de dentro. Após alguns momentos, uma série de símbolos apareceu na tela e rapidamente traduziu para o companheiro.

"De acordo com nossos sensores não há nada de 'vivo' lá. Nem parece que tenha armas de qualquer tipo. Em uma primeira análise, eu diria que este núcleo é uma espécie de nave de reconhecimento na exploração do sistema solar em busca de quem sabe o quê."

"Pode ser", disse ele Azakis "mas a pergunta que devemos nos fazer é: Enviado por quem?"

"Bem", supôs Petri "se excluirmos a presença de misteriosos 'aliens' eu diria que os únicos capazes de fazer tal coisa, podem ser os seus velhos 'amigos terrestres'."

"O que você está dizendo? Mas se quando deixamos a última vez mal conseguíamos montar um cavalo. Como eles podem ter atingido um nível de conhecimento assim em tão pouco tempo? Enviar uma sonda para passear o espaço não é uma piada."

"Pouco tempo?" objetou Petri olhando-o diretamente nos olhos. "Não se esqueça que, para eles, já passaram quase 3.600 anos. Considerando que a vida média era de no máximo cinquenta ou sessenta anos, quer dizer que se passaram pelo menos sessenta gerações. Talvez eles se tornaram muito mais inteligentes do que pensamos."

"E talvez seja por isso", acrescentou Azakis, tentando completar o raciocínio do seu amigo "que os Anciãos estavam tão preocupados com esta missão. Eles ou haviam previsto, ou tinham considerado essa possibilidade."

"Bem, eles poderiam ter aludido a essa possibilidade, ou não? A visão dessa coisa quase me fez ter um treco."

"Ainda estamos no nível de conjecturas", disse Azakis esfregando o polegar e o indicador no queixo "mas parece que tenha um senso. Vou tentar entrar em contato com os Anciãos e vou tentar arrancar um pouco mais de informações, se eles têm. Você, por sua vez, tenta entender alguma coisa mais sobre esse troço. Analisar rota atual, velocidade, massa, etc. e tenta fazer uma previsão sobre o seu destino, quanto tempo o partido e os dados que tem armazenados. Ou seja, eu quero saber o máximo possível do que nos espera lá."

"Ok, Zak", disse Petri ao fazer vibrar no ar, em torno dele, hologramas coloridos com uma infinidade de números e fórmulas.

"Oh, não se esqueça de analisar o que você identificou como uma antena. Se fosse real, isso seria capaz de transmitir e receber. Eu não gostaria que o nosso encontro já fosse comunicado antes do tempo."

Dito isto, Azakis caminhou rapidamente em direção à cabine do H ^ COM, a única em toda a nave equipada para comunicações de longa distância, e estava entre as dez e

dezenove portas dos módulos de transferência. A porta se abriu com um leve chiado e Azakis entrou na cabine estreita.

Porque seríam que a fizeram tão pequena, me pergunto... Pensou ao tentar instalar-se sobre o assento, esse também decididamente miúdo, que descia automaticamente do alto. Talvez queriam que fosse usado o módulo possível...

Quando a porta se fechou atrás dele, começou a compor uma série de comandos no console na sua frente. Precisou esperar vários segundos para o sinal estabilizar. De repente, no display holográfico, semelhante ao que tinha na sala de comando, começou a aparecer a face magra e decididamente marcada pelos anos do seu superior Ancião.

"Azakis", disse o homem sorrindo levemente enquanto levantava lentamente a mão ossuda em saudação. "O que o fez chamar, tão urgentemente, este pobre velho?"

Ele nunca foi capaz de saber exatamente a idade de seu superior. Ninguém tinha a permissão de saber informações tão privadas de um dos componentes dos Anciões. Claro, de voltas ao redor do sol tinha visto vários. No entanto, seus olhos dançavam da esquerda para a direita com uma vitalidade que nem ele teria faria melhor.

"Fizemos um encontro muito surpreendente, pelo menos para nós," começou Azakis sem muito preâmbulo, tentando olhar diretamente nos olhos de seu interlocutor. "Quase nos chocamos com um objeto estranho", continuou ele, tentando perceber a menor expressão do Ancião.

"Um objeto? Explica melhor, meu rapaz."

"Petri ainda está analisando, mas nós pensamos que poder ser algum tipo de sonda e tenho a certeza que não é nosso." O Ancião ficou boquiaberto. Parecia muito surpreso.

"Encontramos alguns símbolos estranhos gravados no casco em uma língua desconhecida", acrescentou. "Eu estou enviando todos os dados."

O olhar do Ancião pareceu se perder por um momento no vazio, em quanto através de sua OCM, analisava o fluxo de informações baixadas.

Depois de alguns longos momentos, seus olhos voltaram a fixar o seu interlocutor e, em um tom que não deixou escapar nenhum tipo de emoção, disse, "Convocarei imediatamente o Conselho dos Anciões. Tudo sugere que suas deduções iniciais estão corretas. Se as coisas estiverem mesmo assim, devemos rever imediatamente os nossos planos."

"Aguardamos notícias" e assim dizendo, Azakis fechou a comunicação.

Nassária - O Jantar

O Coronel e Elisa já estavam esvaziando a terceira taça de champanhe e o ambiente se tornava decididamente mais casual.

"Jack, eu tenho que dizer: este Masgouf é divino. Será impossível terminá-lo, é enorme."

"Sim, é realmente ótimo. Devemos dar os parabéns ao chef."

"Talvez eu devesse casar com ele e fazê-lo cozinhar para mim", disse Elisa rindo em modo exagerado. O lcool já estava fazendo os seus efeitos.

"Eh, não, deve entrar na fila. Eu cheguei antes." Arriscou pensando que a frase não seria exatamente inapropriada. Elisa fingiu não perceber e continuou a mastigar o seu esturjão.

"Você não é casado, certo?"

"Nunca tive tempo para essas coisas."

'É uma desculpa muito velha", disse ela olhando maliciosamente.

"Bem, uma vez cheguei quase, mas a vida militar não é exatamente adequada para o casamento. E você?" acrescentou, fugindo de um assunto que parecia que ainda doía. "Já foi casada?"

"Está brincando? E quem iria suportar ter uma mulher que passa a maior parte de seu tempo viajando pelo mundo para escavar o subsolo como uma toupeira e que gosta de profanar os túmulos de milhares de anos?"

"É#", disse Jack sorrindo amargamente, "obviamente não somos feitos para o casamento." E quando levantou a taça, propôs um melancólico "Vamos beber sobra."

O garçom chegou com mais Samoos¹³ fresquinhos interrompendo, felizmente, o momento de suave tristeza.

Jack, aproveitando da interrupção, tentou dissipar rapidamente uma série de memórias que voltavam à mente. Era coisa do passado. Agora ele tinha uma bela mulher ao lado dele e tinha que se concentrar apenas nela. Não era tão difícil.

A música de fundo, que parecia envolvê-los suavemente, era aquela certa. Elisa, iluminada pelas três velas colocadas no meio da mesa, estava maravilhosa. Seu cabelo era de tons de ouro e cobre e sua pele era lisa e bronzeada. Seus olhos penetrantes eram de um verde profundo. Seus lábios macios estavam lentamente tentando separar um pedaço de esturjão do osso entre os dedos. Era tão sexy.

A Elisa não tinha passado despercebido aquele momento de fraqueza do Coronel. Apoiou o osso na borda do prato e sugou, com aparente descuido, o índice, em seguida, o polegar. Abaixou a cabeça ligeiramente e olhou para ele tão intensamente que Jack pensou que seu coração iria saltar para fora do meu peito e vai acabar diretamente no prato.

Percebendo que já não controlam a situação e acima de tudo a si mesmo, o Coronel tentou se recuperar imediatamente. Era um menino crescido demais para fazer a figura do adolescente apaixonado, mas aquela garota tinha algo que o atraía terrivelmente.

Ele respirou fundo, esfregou o rosto com as mãos e tentou dizer "Que tal terminar também esse último pedacinho?"

Ela sorriu, delicadamente pegou o pedaço de esturjão, levantou ligeiramente da cadeira se alongou na direção e levou à boca dele. Nessa posição, o decote mostrava parcialmente os seios prósperos. Jack, visivelmente constrangido, abocanhou com uma única mordida, sem evitar tocar os lábios nos dedos. Sua excitação cresceu mais e mais. Elisa estava brincando com ele como um gato faz com um rato e Jack não conseguia se opor de forma alguma.

Então, com um ar de menina inocente, Elisa sentou confortavelmente no seu lugar e, como se nada tivesse acontecido, fez um gesto com a mão para o garçom alto e magro, que prontamente chegou.

"Eu acho que é hora de um agradável chá com cardamomo. O que acha, Jack?"

Ele que ainda não havia se recuperado do clima anterior, balbuciou algo como: "Bem, sim, ok..." E enquanto, endireitando a jaqueta, tentou tomar um tom, acrescentou: "Deve ser ótimo para a digestão."

Percebeu ter dito algo ridículo, mas naquele momento não conseguia pensar em algo melhor.

"É tudo muito gostoso Jack, é uma noite muito agradável, mas não se esqueça da finalidade para a qual estamos aqui esta noite. Eu tenho que mostrar uma coisa, lembra?"

O Coronel estava pensando em tudo no momento, menos que no trabalho. Mas ela tinha razão. Em jogo tinham coisas muito mais importantes que um estúpido flerte. O fato era que, para ele, aquele flerte não parecia nada estúpido.

"Claro", respondeu tentando recuperar seu ar autoritário. "Eu não posso esperar para saber o que você descobriu."

O gordo, que não muito longe, no carro estava ouvindo tudo disse: "Essa cachorra! Todas as mulheres são iguais. Elas nos seduzem, nos levam para as estrelas, e depois agem como se nada tivesse acontecido."

"Eu acho que os seus dez dólares em breve estarão em meu bolso", disse o magro, com uma grande risada.

"Na verdade não me importa em nada quem a nossa doutora leva pra cama ou não. Não se esqueça que estamos apenas aqui para saber tudo o que ela sabe." E enquanto tentava ficar mais comodo na cadeira, por causa de uma dor nas costas que começava a surgir, acrescentou: "Devemos ter colocado uma boa câmera naquela sala maldita."

"Sim, talvez debaixo da mesa, para que você ver as coxas dela."

"Cretino. Mas quem foi o idiota que selecionou você para esta missão?"

"Nosso chefe, meu amigo. E eu conselho que você evite insultá-lo, pois ele sabe muito bem como colocar escutas e não teria dificuldade até mesmo em colocar neste carro."

O gordo se assustou e por um momento pensou que seu coração parou de bater. Estava tentando ter uma carreira e insultar o superior direto, não era a melhor maneira de avançar.

"Pare de falar besteira", disse, tentando ser sério e profissional. "Pense em fazer o seu trabalho bem e faz em modo de voltar à base com algo de concreto." Dito isto, olhou fixamente para um ponto não definido no escuro da noite além do para-brisa ligeiramente embaçado.

Elisa tirou da sua bolsa o seu inseparável tablet, apoiou sobre a mesa e começou a percorrer as fotos. O Coronel curiosamente, tentou esticar os olhos para ver algo, mas o ângulo não permitia. Ela, encontrou o que queria, levantou-se e sentou na cadeira ao lado dele.

"Então," começou Elisa "fique confortável que a história é longa. Vou tentar resumir, o máximo possível."

Rolando rapidamente com o índice na tela, ela abriu uma foto de uma tábua com inscrições com desenhos estranhos e escritas cuneiformes.

"Esta é uma foto de uma das tábuas que foram encontrados no túmulo do rei Balduino II de Jerusalém", continuou Elisa, "que é supostamente o primeiro, em 1119, a abrir o Mearat Hamachpelah, também conhecida como a Caverna dos Patriarcas, onde parece que estão sepultos Abraão e seus dois filhos Isaac e Jacob. Estas sepulturas deveriam se encontrar no subsolo do que hoje é chamado de Mesquita ou Santuário de Abraão em Hebron, na Cisjordânia." Nesse ponto, ela mostrou uma foto da mesquita.

"Dentro dos túmulos", continuou ele Elisa "o rei teria encontrado, além de inúmeros objetos de vários tipos, até mesmo um número de tábuas que pertenciam a Abraão. Se pensa

que podem representar uma espécie de diário que ele teria mantido e onde escreveu os momentos mais importantes da sua vida."

"Uma espécie de 'registos de viagem'" Jack tentou antecipar, na esperança de fazer uma boa impressão.

"De certa forma, sim, já que de quilómetros, para a época, ele fez realmente muitos."

Ao deslizar em outra fotografia, Elisa continuou explicando "Os maiores especialistas da sua língua e do modo gráfico do tempo tentaram traduzir o que foi gravado nessa tábua. As opiniões foram, naturalmente, bastante divididas em algumas partes, mas todos concordaram que este" e ampliou um detalhe da imagem "seja traduzível como 'vaso' ou como 'Ánfora dos Deuses'. Depois, há as palavras como 'enterro', 'secreto' e 'proteção' também bastante claras."

Jack estava começando a ficar um pouco confuso, mas, acenando com a cabeça, tentou convencer Elisa que estava seguindo tudo perfeitamente. Ela olhou para ele por um momento, em seguida, passou a dizer: "Este símbolo ao invés" e tocou na tela para torná-lo o mais claro possível, "segundo alguns, deve ser uma sepultura: o túmulo de um Deus. E esta parte deve descrever um dos Deuses que adverte ou, até mesmo, ameaça o povo se reunido em torno a ele."

O Coronel, um pouco por causa do álcool, um pouco pelo perfume inebriante que emanava Elisa ao seu redor, e um pouco mais pelos olhos dela, nos quais estava mergulhado, não estava entendendo mais nada. Ele continuou, no entanto, a acenar como se tudo fosse claro.

"Então, resumindo," continuou Elisa notando o embaciamento de Jack "os espertos interpretaram o conteúdo desta tábua, como uma representação de um evento que ocorreu na época de Abraão em que um suposto Deus ou, mais genericamente Deuses, teriam secretamente enterrado perto de sua sepultura, algo muito precioso, pelo menos para eles."

"Parece uma afirmação muito genérica" começou Jack, tentando dar-se uma voz. "Para dizer que tem algo valioso enterrado perto da sepultura dos Deuses, certamente não é como ter as coordenadas GPS. Pode se referir a qualquer coisa a qualquer lugar."

"Você está certo, mas todas as inscrições, especialmente aqueles de muito tempo, devem de alguma forma ser interpretadas e contextualizadas. E é por isso que existem os especialistas e, aliás, eu sou um deles." Assim dizendo, começou a imitar os movimentos de uma modelo sendo fotografada pelos paparazzi.

"Ok,ok. Eu sei que você é competente. Mas agora tenta explicar alguma coisa para nós, pobres mortais."

"Basicamente," falou Elisa depois de se recompor "depois de analisar e comparar artefatos históricos de todos os tipos, histórias verdadeiras, lendas, rumores e assim por diante, as maiores "craques" da terra afirmaram que esta reconstrução tem certamente um fundo verdade. Nesta base, eles têm desencadeado arqueólogos de todo o mundo em busca desse lugar misterioso."

"Mas então, em tudo isto, o que tem a ver o ELSAD? " O Coronel estava recuperando as suas funções cerebrais. "Foi-me dito que esta pesquisa tinham como escopo recuperar artefatos fantasmagóricos de origem alienígena."

"E talvez seja exatamente isso", disse Elisa. "E agora a opinião geral é que estes famosos "Deuses", que nos tempos antigos vagam pela Terra, seriam simplesmente humanoides vindos de um planeta fora do nosso sistema solar. Devido à alta tecnologia e grandes conhecimentos médicos e científicos, não era tão difícil que fossem confundidos com deuses capazes de realizar todo tipo de milagre."

"Sim", Jack interrompeu. "Eu também, se chegasse com um helicóptero apache em uma tribo da Amazônia central e começasse a lançar mísseis em todos os lugares, eu poderia ser confundido com uma divindade raivosa."

"Este é exatamente esse o efeito que deve ter produzido essas criaturas sobre os homens da época. Alguns dizem até que teriam sido os alienígenas a incutir no Homo Erectus a semente

da inteligência, transformando-os, em poucas dezenas de milhares de anos, no que hoje conhecemos como Homo sapiens sapiens."

Elisa olhou atentamente para o Coronel, que parecia estar cada vez mais surpreendido e decidiu afundar um golpe baixo. "Na verdade, como chefe desta missão, eu pensei que você fosse mais informado."

"Eu também pensei." Jack falou. "Obviamente, nos altos planos seguem a filosofia do: quanto menos se sabe melhor." A raiva estava começando a tomar o lugar da dor anterior.

Percebendo isso, Elisa colocou sua mão sobre a mesa e ficou a poucos centímetros do rosto do Coronel, que por um momento prendeu a respiração pensando que ela queria beijá-lo, e exclamou: "Agora vem a melhor parte."

Com um movimento rápido voltou ao seu lugar e mostrou outra fotografia. "Enquanto todos se jogaram na busca por essa famosa 'sepultura dos Deuses', andando a vasculhar as pirâmides egípcias, os túmulos dos deuses por excelência, formulei uma interpretação diferente do que está gravado na tábua e acho que é o caminho certo. Olhe aqui", e mostrou orgulhosa a imagem com o texto como ela tinha interpretado.

Os dois comparsas que, de dentro do carro estavam ouvindo a conversa entre os dois, dariam um braço para serem capazes de ver as fotos que a doutora mostrava ao Coronel.

"Droga!" o gordo imprecou. "Temos de encontrar uma maneira de por as mãos nesse tablet."

"Esperamos que pelo menos um dos dois, leia em voz alta", disse o magro.

"Esperamos também que este 'jantar romântico' acabe logo. Estou cansado de estar aqui no escuro e além do mais, estou morrendo de fome."

"Fome? Do que você está falando? Se você comeu até os meus sanduíches."

"Nem todos, meu querido. É avançado um e agora como" e rindo satisfeito, se virou para pegar o saquinho de papel no banco de trás. Ao girar o joelho bateu exatamente no pulsante do sistema de registro que deu um fraco bipe e se desligou.

"Seu estúpido idiota, tome cuidado!" O magro, correu para tentar reacender o instrumento. "Agora tenho que reiniciar o sistema e isso vai me levar pelo menos um minuto. Ore para que eles não digam nada de importante, caso contrário, eu vou encher a tua gorda bunda de chutes e pontapés daqui até o Golfo Pérsico!"

"Desculpe", disse o homem gordo quase sussurrando. "Acho que é hora de começar uma dieta."

"Os deuses enterram um frasco com um valioso conteúdo a sul do templo e ordenou que as pessoas não se aproximassem até que eles voltassem, caso contrário terríveis calamidades se abateriam sobre todas as nações. Para a proteção do local, quatro guardas flamejantes."

"Essa é a minha tradução," Elisa disse com orgulho. "A palavra exata para mim não é 'sepultura' mas 'templo' e Ziqurat de Ur, onde eu estou conduzindo minha pesquisa, não é nada mais que um templo erguido para os Deuses. Claro, me dirá que de Ziqurat por aqui há muitos, mas nenhuma está perto da casa que pertencia ao homem que supostamente escreveu as tábuas: o nosso amado Abraão."

"Interessante." O Coronel estava examinando de perto o texto. "Na verdade o que tem sido indicada por todos como a 'Casa de Abraão' é apenas algumas centenas de metros do templo."

"Além disso, se esses seres fossem realmente extraterrestres.", continuou Elisa "imagina o quanto pode ser interessante para os militares esse 'vaso'. Talvez até muito mais do seu 'conteúdo valioso'."

Jack pensou por um momento, depois disse: "Essa é a razão para todo esse interesse por parte do ELSAD. O vaso enterrado poderia ser muito mais do que um simples recipiente de barro."

"Exatamente. E agora, a reviravolta", disse Elisa teatralmente. "Senhoras e senhores, eis o que eu encontrei hoje de manhã."

Tocou a tela e uma nova foto apareceu na tela. "Mas é o mesmo símbolo que estava sobre a tábua", exclamou Jack.

"Exato. Mas esta foto que eu fiz hoje ", disse Elisa satisfeita. "Aparentemente Abraham, para indicar os "Deuses" usou a mesma representação que os sumérios já tinham usado: uma estrela com doze planetas em torno dele e que, aliás, achei gravada na tampa do 'recipiente' que estamos desenterrando."

"Pode não significar nada", disse Jack. "Talvez seja apenas uma coincidência. O símbolo também pode ter outros mil significados."

"Ah é? E então, na sua opinião, não é?" e ela lhe mostrou a última foto. "Nós fizemos do lado de fora do recipiente com o nosso equipamento de raio-X portátil."

Jack não podia não esbugalhar os olhos de espanto.

Astronave Theos - Análise De Dados

Petri ainda estava imerso na análise da sonda quando Azakis, retornando para a ponte, disse ao seu amigo: "Mais tarde vão nos dizer alguma coisa."

"Isso significaria temos que descobrir sozinhos", disse Petri amargamente.

"Mais ou menos como sempre, não?" Azakis respondeu, dando um tapinha nas costas do companheiro de viagem. "O que você pode me dizer desse monte de sucata?"

"Além do fato por pouco que não arranhou toda a pintura externa da nossa nave, posso confirmar que, com quase toda a certeza, que nenhuma mensagem foi enviada pelo nosso amigo com três pês. A sonda parece ter sido projetada com o objetivo de analisar e estudar os corpos celestes. Um tipo de um viajante solitário no espaço, que registra os dados e os transmite periodicamente" e mostrou o detalhe de uma no holograma flutuante na sala.

"Provavelmente três passamos perto muito rapidamente para que possa ter registrado a nossa presença", se aventurou a supor Azakis.

"Não sei, meu velho. Seus instrumentos a bordo são programados para analisar objetos distantes centenas de milhares de quilômetros e três passamos tão perto que, se não estivéssemos em um vácuo, o movimento do ar estaria fazendo-o girar como um pião atômico agora."

"E agora que nos afastamos, você acha que poderia detectar a nossa presença?"

"Acho que não. Somos pequenos e rápidos demais para entrar em seus 'interesses'."

"Bem" exclamou Azakis. "Essa me parece uma boa notícia, finalmente."

"Eu tentei fazer uma análise do método de transmissão de dados utilizado pela sonda", continuou Petri. "Parece que ainda não está equipado com tecnologia a 'vértices de luz' como o nosso, mas ainda utilizando um sistema antigo de modulação em frequência."

"Não era o que usaram os nossos antecessores antes da Grande Revolução¹⁴?" perguntou Azakis.

"Exato. Não era muito eficiente, mas nos permitiu trocar informações em todo o planeta por um longo período de tempo e definitivamente nos ajudou a chegar onde estamos agora."

Azakis sentou na cadeira de comando, mordendo por um momento o dedo indicador, e depois, disse: "Se este é o sistema de comunicação atualmente em uso na Terra, talvez podemos ser capazes de captar um pouco do que eles transmitem."

"Sim, talvez um bom filme pornô", disse Petri, mostrando levemente a língua do lado esquerdo da boca.

"Para com essas bobagens. Em vez disso, por que não tenta ajustar o nosso sistema de comunicação secundário com essa tecnologia? Gostaria de chegar lá; o mais bem preparado possível."

"Entendi. Serão muitas horas de trabalho nesse compartimento minúsculo."

"O que você acha de comer algo antes?" começou Azakis, antecipando o pedido de seu amigo, que imaginou viria a qualquer momento.

"Esta é a primeira coisa sensata que eu ouvi você dizer hoje", respondeu Petri. "Toda essa turbulência me deu um apetite!"

"Ok, vamos fazer uma pausa, mas eu decido o que pegar. O fgado de Nebir que você escolheu ontem, ficou no meu estômago tanto tempo que parecia ter feito raízes."

Dez minutos mais tarde, quando os dois companheiros de viagem ainda estavam ocupados com a refeição, na Terra, no controle de missões da NASA, um jovem engenheiro observou uma estranha variação na rota de sonda que monitorava.

"Chefe", disse ele ao microfone que tinha a um centímetro de sua boca e ligado ao seu fone de ouvido. "Acho que temos um problema."

"Que tipo de problema?" apressou-se a responder o engenheiro responsável pela missão.

"Parece que Juno por alguma razão ainda desconhecida, sofreu uma ligeira variação na rota estabelecida."

"Variação? De quanto? Mas, devido a qual?" Já estava suando frio. O custo dessa missão era exorbitante e nada podia dar errado.

"Estou analisando os dados nesse momento. A telemetria indica uma mudança de 0,01 grau sem uma razão aparente. Tudo parece funcionar corretamente."

"Poderia ter sido atingido por um pedaço de rocha", arriscou o engenheiro sênior. "No fundo, o cinturão de asteroides, não é tão longe."

"Juno está praticamente na órbita de Júpiter, e lá não deveria haver nenhum", afirmou com grande tato o jovem.

"Então, o que aconteceu? Tem que haver uma falha de algum tipo." Pensou por um segundo, então, ordenou: "Eu quero um duplo controle sobre toda a instrumentação de bordo. Os resultados dentro de cinco minutos no meu computador" e desligou.

O jovem engenheiro foi subitamente consciente da responsabilidade que tinha recebido. Observou as prioridades: tremiam ligeiramente. Decidiu ignorá-las. Pediu ajuda a um colega para executar um Check-up diferencial da sonda e cruzou os dedos. Os computadores começaram a realizar sequencialmente todos os controles programados, e alguns minutos mais tarde, em sua tela, apareceram os resultados:

Check-up completo. Todos os instrumentos estão em funcionamento.

"Parece tudo em ordem", disse o colega.

"Então o que aconteceu? Se não descobirmos dentro dos próximos dois minutos, o chefe vai nos massacrar", começou fervorosamente a digitar no teclado que estava na frente dele.

Nada de nada. Funciona tudo perfeitamente.

Tinha que inventar alguma coisa e rapidamente. Começou a tamborilar os dedos sobre a mesa. Continuou por cerca de dez segundos, em seguida, decidiu apelar para a primeira regra não escrita no manual de conduta no local de trabalho: nunca contradizer o chefe.

Ele abriu o microfone e disse rapidamente: "Chefe, você estava certo. Foi apenas um pequeno asteroide troiano que desviou a sonda. Felizmente, ele não bateu diretamente, mas só passou perto. Evidentemente, a massa do asteroide criou uma pequena força gravitacional no nosso Juno, assim, causando a ligeira modificação do curso. Estou mandando os dados" e prendeu a respiração.

Depois de intermináveis segundos, no auricular veio a voz orgulhosa do chefe "Eu tinha certeza. Rapaz, o instinto do velho lobo nunca erra." E acrescentou: "Preparem para ativar os motores da sonda e corrigir a rota. Não se admitem erros." e fechou a chamada. Um segundo depois reabriu dizendo: "Bom trabalho, rapazes."

O jovem engenheiro percebeu que o sangue recomeçava a fluir em seu corpo. Seu coração batia tão forte que podia senti-lo batendo em seus ouvidos. No fundo, poderia ser exatamente o que aconteceu. Ele virou seu olhar para o colega e, erguendo o polegar, fez o sinal de ok. O outro respondeu com uma piscadela. Tinha andado tudo bem, pelo menos até agora.

NassÁria - Depois Do Jantar

O sistema de registro emitiu um duplo bipe e se reativou. A voz da doutora voltou a ser reproduzida pelo pequeno alto-falante no interior da máquina. "Acho que é hora ir, Jack. Amanhã de manhã eu vou ter que levantar cedo para continuar as escavações."

"Ok." respondeu o Coronel. "Vou agradecer o chef, e depois podemos ir."

"Porca miséria", disse o magro. "Por causa sua perdemos a melhor parte."

"Vamos lá, não fiz de propósito" justificou-se aquele mais gordo. "Podemos sempre dizer que houve um mau funcionamento do sistema e que parte do discurso não fomos capazes de gravar."

"Sou sempre eu que tenho que cobrir a tua estupidez" disse o outro.

"Vou me fazer perdoar. Eu já tenho um plano para colocar as mãos sobre o tablet da nossa doutora." Ele colocou o nariz entre o polegar e o indicador, depois disse: "Vamos entrar esta noite em seu quarto e copiar todos os dados sem que ela perceba."

"E para não acordar ela o que vamos fazer, uma canção de ninar?"

"Não se preocupe, amigo. Eu tenho alguns truques na manga" e piscou.

Enquanto isso, no restaurante, Jack e Elisa estavam se preparando para sair. O Coronel ligou o comunicador portátil e contactou a escolta "Nós estamos saindo."

"Aqui fora é tudo livre, Coronel", respondeu uma voz no fone de ouvido.

Com um comportamento prudente, o Coronel abriu a porta e com atenção olhou fora. Do lado de fora, em pé ao lado do carro, ainda havia o soldado que tinha acompanhado Elisa.

"Você pode ir" ordenou o Coronel. "Acompanho eu a doutora."

O soldado ficou em posição de sentido, saudou e disse algo em seu comunicador, antes de desaparecer na noite.

"Foi uma noite maravilhosa, Jack." disse Elisa saindo. Respirou profundamente o ar fresco da noite e disse: "Era de muito tempo que não passava uma noite assim. Muito obrigada" e abriu um dos seus maravilhosos sorrisos.

"Vamos, não é muito seguro ficar ao ar livre nesta área", e assim dizendo, abriu a porta e ajudou a doutora a entrar no carro.

O grande carro escuro, dirigido pelo Coronel, partiu veloz, deixando para trás uma grande nuvem de poeira.

"Eu também me diverti muito. Eu nunca pensei que uma noite com uma "doutora pedante" poderia ser tão agradável."

"Pedante? É assim que me considera?" e virou do outro lado fingindo estar ofendida.

"Pedante sim, mas também muito simpática, inteligente e muito sexy." Como ela estava olhando para fora, ele aproveitou a oportunidade para acariciar suavemente o cabelo atrás da cabeça.

O contato causou-lhe uma série de arrepios agradáveis que percorreram a coluna vertebral. Não podia ceder tão cedo. A sua excitação, no entanto, estava crescendo cada vez mais. Decidiu não dizer nada, e aproveitar aquela agradável e pequena massagem. Jack, encorajado com a falta de reação contrária ao seu gesto, continuou acariciando o longo cabelo. De repente, ele começou a deslizar sua mão, primeiro em seu ombro, em seguida, no braço, seguindo mais e mais para baixo, até tocar seus dedos suavemente. Ela sempre virada para a janela, pegou a sua mão e segurou com firmeza. Era uma mão grande e forte. Esse contato lhe dava segurança.

Não muito longe dali, um outro carro escuro estava seguindo os dois, tentando desvendar algum outro diálogo interessante.

"Aqueles dez dólares, creio, estão mudando de estrada, meu velho", disse o homem gordo. "Agora a leva no hotel, ela o faz subir para uma bebida e vão nos finais."

"Reza para não vai acabar assim, ou quero ver como nós vamos copiar os dados do dispositivo."

"Caralho, não tinha pensado."

"Você nunca pensa alguma coisa que não tenha a chance de acabar nesse seu estômago sem fundo."

"Vai, não fique muito longe", disse o gordo, ignorando a provocação. "Não quero perder novamente o sinal."

Ficaram na mão, sem dizer nada. Ambos olhando para fora do para-brisa. O hotel estava sempre mais perto e Jack se sentia tão desajeitado. Não era a primeira vez que ele saía com uma mulher, mas naquela noite, sentia ressurgir toda a timidez que o havia torturado na sua juventude, e que achava tivesse passada. Esse contato tão prolongado estava paralisando ele. Talvez ele devesse falar alguma coisa para quebrar o silêncio constrangedor, mas temendo que qualquer palavra arruinasse esse momento mágico, decidiu adiar.

Ele agradeceu a transmissão automática que não obrigava deixar a mão dela para mudar de marcha e continuou a dirigir na noite.

A Elisa, no entanto, voltavam à mente, um por um, todos os supostos "homens da sua vida." Diferentes histórias, tantos sonhos, projetos, alegrias e felicidade, mas, no final, sempre tanta decepção, amargura e dor. Era como se o destino já tinha decidido tudo para ela. Tinha sido traído para ela um caminho cheio de satisfação e reconhecimento em nível profissional, mas parecia que não era previsto alguém ao seu lado para acompanhá-la. Lá estava, em um país estrangeiro, na noite, de mãos dadas com um homem que até o dia antes considerava apenas como um obstáculo aos seus planos e que agora passava tanta ternura e carinho. Mais de uma vez se perguntou o que deveria fazer.

"Tudo bem?" perguntou Jack com preocupação, vendo os olhos dela sempre mais lacrimejantes.

"Sim, obrigada Jack. É só um momento de tristeza. Já vai passar."

"É, talvez, minha culpa?" perguntou depressa o Coronel. "Eu falei ou fiz algo errado?"

"Não, ao contrário." ela respondeu rapidamente e com uma voz muito doce e acrescentou: "Fique comigo, por favor."

"Estou aqui. Não se preocupe com nada. Não vou deixar que nada te aconteça, ok?"

"Obrigada, muito obrigada", disse Elisa enquanto tentava enxugar as lágrimas que lentamente caíam por suas bochechas. "Você é um tesouro." Jack permaneceu em silêncio e apertou a mão ainda mais forte.

O letreiro do hotel apareceu no fim da estrada. Fizeram todo o caminho sem dizer nada. Em seguida, o Coronel diminuiu a velocidade e parou o carro junto à entrada. Os dois se olharam intensamente. Por um longo momento ninguém se atreveu a dizer nada. Jack sabia que seria sua vez de dar o primeiro passo, mas Elisa se lhe antecipou: "Agora você deve me dizer que foi uma bela noite, que sou maravilhosa e eu devo convidá-lo a subir para uma bebida"

"Sim, por favor", disse Jack. "Deveria ser assim se você fosse uma como todas as outras, mas isso não é o que eu penso." Ele respirou fundo e continuou. "Eu acho que você é uma pessoa muito especial e essa noite juntos me deu a oportunidade de conhecê-la melhor e descobrir muitas coisas que nunca pensei encontrar em uma 'arqueologia'."

"Eu tomo isso como um elogio", disse ela, tentando alegar a situação.

"Por trás dessa armadura de mulher forte e indestrutível, acredito que se esconde uma menina delicada e assustada. Você é uma garota doce e com uma sensibilidade única"

Talvez ele iria se arrepender do que estava dizendo, mas tomou coragem e continuou, "Francamente, eu não me importo com uma noite de sexo para ser arquivada depois, como tantas outras absolutamente inúteis e que na manhã seguinte não deixam nada além de um imenso vazio. De você eu quero mais. Eu sempre gostei muito de você, confesso." Agora ele não podia

mais parar. Pegou as duas mãos dela, apertou com as suas e continuou. "Desde que te conheci pela primeira vez em meu escritório, percebi que em você havia algo de particular. Inicialmente eu estava, obviamente, atraído por sua beleza, mas, em seguida, a sua voz, a maneira de falar, seus gestos, a maneira de andar, seu sorriso..." parou por um momento, em seguida, acrescentou: "o seu encanto me enfeitei". Você roubou o meu coração. Eu não acho que eu já não podia pensar em uma vida sem você e não vai ser o fim dessa noite que vai me fazer mudar de ideia."

Elisa, que certamente não esperava tal declaração, ficou muda por um momento, em seguida, ainda olhando em seus olhos, aproximou-se dele lentamente. Hesitou por um momento, então o beijou.

Foi um beijo longo e intenso. Emoções antigas e novas surgiram nas mentes de ambos. Elisa repente parou o beijo e, permanecendo apenas a poucos centímetros dele, disse, "Obrigada por suas palavras, Jack. Nem eu queria que o nosso encontro terminasse com uma triste noite de sexo. Essa noite me deu a oportunidade de saber mais sobre você e apreciar o tipo de homem que você é. Eu também nunca teria pensado em encontrar, atrás de um "Coronel", uma pessoa tão delicado e sensível. Devo confessar que não sentia o meu coração batendo tão forte há muito tempo. Eu já não sou mais uma garotinha, eu sei, mas não quero estragar tudo agora fazendo você subir." Fez uma longa pausa, depois acrescentou: "Eu gostaria muito de encontrar com você novamente."

Ela o beijou de novo, saiu e entrou correndo no hotel. Tinha medo de que, se olhasse para trás, não seria capaz de respeitar o que ela tinha dito.

Jack a seguiu com os olhos até desaparecer atrás da porta giratória do hotel. Ficou observando as portas girando até pararem completamente. Nesse ponto, deu uma última olhada no letreiro piscante do hotel, em seguida, apertou o acelerador e, com um grito agudo de pneus, desapareceu na noite.

As duas figuras sombrias, que seguiam o casal, estacionaram o carro na parte de trás do hotel tomando cuidado para não serem notados. De lá, podiam ver a janela do quarto de Elisa, que depois de menos de um minuto, se iluminou.

"A entrada e está sozinha" disse o gordo.

O magro logo lembrou ao outro que tinha perdido a aposta. "Amigo, desembolsa a grana", e fez o gesto de esfregar com o indicador e o polegar.

"Bem, esperava de tudo, menos que fosse acabar assim", disse o homem obeso. "Nosso querido Coronel parece estar caidinho."

"Sim, e ela também parece não ficar pra trás."

"Realmente um lindo casal", disse o homem gordo com a sua habitual risada. "Agora vamos esperar até que a garota vá pra cama, depois, entramos no quarto dela e copiamos todos os dados do tablet." Saiu do carro e acrescentou: "Enquanto isso, prepare o equipamento, e controla se a luz se apaga."

Elisa se sentia torturada por mil pensamentos. Tinha feito bem em deixá-lo assim? O que ele estaria pensando? Ele realmente queria vê-la novamente? A final, foi ele mesmo a propor um adiamento. Sem dúvida, Jack tinha lhe dado uma ótima demonstração de seriedade. Eram realmente sinceros os sentimentos que, com tantas palavras maravilhosas, tinha expressado ou eram apenas uma estratégia para jogá-la cada vez mais em uma rede inteligentemente preparada? Não iria suportar uma outra decepção amorosa, mais dor, mais sofrimento. Decidiu não pensar, por enquanto. O objetivo que havia estabelecido em si tinha sido alcançado: o Coronel havia concedido mais duas semanas para concluir a sua pesquisa. O resto eram apenas 'expectativas' e agora ela tinha aprendido a não fazer muitas ilusões. Ela não podia dar-se o luxo de cair em trapaça novamente. Não seria capaz de se levantar mais uma vez.

Tirou a roupa e se jogou na cama. O Alcool tinha feito o seu efeito. Agora, o seu maior desejo era apenas dormir profundamente. Apagou a luz e quase no mesmo instante adormeceu.

Jack, enquanto dirigia em direção à base, pensava mais ou menos as mesmas coisas. Havia decepcionado ela? Ela realmente queria vê-lo novamente? Apesar de tudo, tinha certeza de ter feito uma boa impressão passando, de maneira tão nobre, a oportunidade de ir para a cama com ela. Poucos outros teriam feito e era certo que ela tinha apreciado. Afinal, se realmente estava comendo alguma coisa, teriam todo o tempo do mundo para ficar juntos. Um dia a mais ou a menos não faria qualquer diferença.

Конец ознакомительного фрагмента.

Текст предоставлен ООО «ЛитРес».

Прочитайте эту книгу целиком, [купив полную легальную версию](#) на ЛитРес.

Безопасно оплатить книгу можно банковской картой Visa, MasterCard, Maestro, со счета мобильного телефона, с платежного терминала, в салоне МТС или Связной, через PayPal, WebMoney, Яндекс.Деньги, QIWI Кошелек, бонусными картами или другим удобным Вам способом.